



Bianca Fina/Divulgação

#cm
2

QUARTA-FEIRA

FORJA DA ALEGRIA

CRIADA HÁ 14 ANOS PARA **ESTIMULAR A PROFISSIONALIZAÇÃO DA ARTE DA PALHAÇARIA**, A **ESLIPA OXIGENA A TRADIÇÃO SECULAR DO CIRCO** FORMANDO NOVOS TALENTOS SOB A BATUTA DE **MESTRES COMO RICHARD RIGUETTI, UM ARLEQUIM DA DIVERSÃO**. ESTA SEMANA TEM FORMATURA E É ABERTA AO PÚBLICO. **O CORREIO DA MANHÃ ADENTRA ESSE PICADEIRO NA PÁGINA 2**

ENTREVISTA | **RICHARD RIGUETTI**

PALHAÇO

‘O palhaço é como um maracujá: quanto mais enrugado, mais doce’

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Num tempo em que rir pode ser também uma forma de resistência, Richard Rigueti atribui ao palhaço a missão de promover a “reconstituição do tecido emocional da população”. Com 47 anos dedicados ao teatro circense e à poética da palhaçaria, o ator, diretor e gestor cultural comanda a Eslipa. Esse é o nome da Escola Livre de Palhaço, criada em 2012 e hoje convertida num polo de intercâmbio latino-americano dessa linguagem.

A instituição encerra a trajetória da Turma Erminia Silva na próxima sexta-feira (18), às 19h, com sua tradicional Palhaçatura, na Escola Nacional de Circo Luiz Olimecha, na Praça da Bandeira. Gratuita, a celebração reúne cenas circenses, performances, lançamentos de livros e a participação de egressos de diferentes turmas.

O curso mobilizou cerca de 20 artistas do Brasil e de outros países da América Latina, ao longo de quatro meses de formação, qualificação e aperfeiçoamento. Durante esse período, mais de 20 artistas do Brasil e da América Latina fizeram aulas com mestras e mestres como Glaucy Fragoso, Fran Marinho, Lili Castro e Ricardo Puccetti, lembrando que a menor máscara do mundo é o nariz vermelho dos trapalhões que saltitam nos circos... e mambembam na vida.

À frente dessa experiência pedagógica, Rigueti defende que não existe propriamente uma conclusão para o aprendizado do ofício. Ao Correio da Manhã, ele explica por que o erro, a utopia e a capacidade de aproximar pessoas fazem do picadeiro (qualquer que seja, ao ar livre ou sob lona) são essenciais para se rir no Brasil de hoje.

E o palhaço, o que é... é ladrão de... sorrisos? Qual é o papel da palhaçaria nos tempos atuais? Ou, nos códigos de uma sociedade capitalista... pra que serve



Divulgação

um palhaço?

Richard Rigueti - E o palhaço o que é? É ladrão de mulher, ladrão de sorrisos? Na nossa concepção da Escola Livre de Palhaços, a Eslipa, o palhaço é a menor distância entre duas pessoas, a começar do próprio palhaço. A função do palhaço na sociedade capitalista é a reconstituição do tecido emocional da população. O palhaço é aquele que fala das pessoas de baixo. Ele é que nem o Rio Amazonas. Ele só é grande porque ele se coloca abaixo dos outros rios. E nisso ele recebe a influência de todas as outras linguagens. O palhaço contém o teatro, contém o circo, contém a dança, contém a música. E assim, ele se transforma numa linguagem única e universal. A grande colaboração do palhaço nos dias de hoje é fazer com que as pessoas se sintam potentes nos seus desejos e nos seus objetivos, nos seus sonhos e nas suas utopias. O palhaço é aquele que ao trabalhar com o erro demonstra para a sociedade que nós somos feitos de tentativas. O mais importante é a gente não desistir.

O que a palhaçatura simboliza na formação de um artista?

A palhaçatura da Eslipa é um rito de passagem, é uma celebração. Não é a uma formação, porque entendemos que a formação do palhaço/da palhaça se dá durante toda a sua vida. O palhaço é como um maracujá: quanto mais enrugado, mais doce ele é. Então, a palhaçatura é apenas um rito de passagem. Mas também significa uma formação, entre aspas, para celebrar o final desse percurso. Então, temos muito que celebrar.

Qual é o papel social da Eslipa hoje na formação artística do Rio de Janeiro?

O Rio de Janeiro recebe, nesta turma de 2026, alunos de sete países. Então, a cidade recebe artistas de outros territórios. São linguagens múltiplas a se misturar com essa arte carioca que é tão potente: a palhaçada.

Na última segunda, a Eslipa promoveu uma palestra sobre circo-teatro, ministrada por Ana Luíza Cardozo e Leticia Lisboa. Qual é o mote desse estudo?

O circo-teatro sempre foi muito importante na concepção histórica das artes cênicas, desde Benjamin de Oliveira, de Catulo da Paixão Cearense e de tantos outros artistas que celebraram e que se firmaram nessa linguagem tão brasileira. Então, o mote desse nosso seminário é resgatar o elo perdido dessa geração mais nova com o circo teatro de antigamente.

“A grande colaboração do palhaço nos dias de hoje é fazer com que as pessoas se sintam potentes nos seus desejos e nos seus objetivos, nos seus sonhos e nas suas utopias”

O movimento de chegada e permanência de trabalhadores no Jacarezinho orienta “Querer ficar, mas ter que partir”, espetáculo que estreia nesta quinta (17) no Teatro II do Sesc Tijuca. Idealizada por Natália Brambilla, a montagem leva ao palco uma investigação sobre migração, trabalho, pertencimento e as transformações urbanas de um território decisivo para a história industrial da Zona Norte.

A dramaturgia de Pedro Emanuel parte de pesquisas sobre o crescimento do Jacarezinho desde os anos 1960, período em que o Complexo Industrial do Jacaré atraiu pessoas de várias regiões do país. Em torno das fábricas, formaram-se moradias, relações de trabalho, comércio e redes comunitárias. A peça observa o que essa dinâmica construiu e também as marcas deixadas pelo declínio industrial sem, no entanto, reduzir a favela a um retrato de carências.

A memória familiar de Natália entra como um dos fios do projeto. Sua mãe, Elida, saiu de Minas Gerais aos 14 anos para procurar trabalho no Rio e conseguiu seu primeiro emprego em uma fábrica do Complexo Industrial do Jacaré. A experiência atravessa a criação da peça e aproxima a história particular de outras trajetórias de deslocamento que ajudaram a constituir o bairro.

“O fechamento das fábricas, as crises econômicas e o desemprego alteraram profundamente a dinâmica do território, deixando marcas de abandono, pobreza e violência. Mas, para além das perdas, a mon-

Os filhos da decadência industrial

‘Querer ficar, mas ter que partir’, criação da Cia Cria do Beco, reúne artistas com vínculos com favelas cariocas.



O espetáculo reúne em seu elenco Jeff Melo, Natália Brambilla, Anderson Oli e Taty Aleixo, jovens artistas negros, universitários e moradores de favelas cariocas

tagem se interessa pelas formas encontradas pela população para recriar, resistir e produzir novos sen-

tidos para o lugar”, afirma Natália. “A cultura surge, assim, como uma das principais ferramentas de rein-

venção e afirmação da comunidade”, explica.

Realizado pela Cia Cria do

Beco, o espetáculo reúne Jeff Melo, Natália Brambilla, Anderson Oli e Taty Aleixo, jovens artistas negros, universitários e moradores de favelas do Rio, muitos deles ligados a experiências de migração.

Na encenação, o Jacarezinho aparece como território de memória e de criação. A história da Unidos do Jacarezinho, fundada em 1966 por Dona Andressa Moreira da Silva, integra esse campo de referências, assim como artistas associados ao lugar, entre eles Lacreia, MC Serginho e MC Nem do Jacarezinho. “Estamos preparando um terreno onde a potência da criação é também uma forma de construir território e afeto”, destaca o diretor Rei Black, para quem a favela “não aparece apenas como cenário ou lugar de carência, mas como cosmos: um território vivo, complexo, criador de mundos, relações, tecnologias de sobrevivência e modos próprios de existir”. A imagem do rio, presente no projeto, funciona como passagem, fronteira e memória, em paralelo aos deslocamentos das personagens.

Com 80 minutos de duração e classificação para maiores de 12 anos, “Querer ficar, mas ter que partir” oferece um recorte de teatro documental e ficcional ancorado em pesquisa, memória familiar e experiência coletiva.

SERVIÇO

QUERER FICAR, MAS TER QUE PARTIR

Teatro II do Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)
De 17/9 a 11/10, quinta a sábado (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 27 (sócios Sesc), R\$ 15 (meia) e grátis (PCG)

Memória, moradia e vida coletiva na Baixada

Indicado ao Prêmio Shell, ‘Cabeça de Porco – Retratos de um Território’, do Grupo Código, ocupa o Teatro Gonzaguinha

O Grupo Código volta ao Rio com “Cabeça de Porco – Retratos de um Território”, espetáculo que articula moradia, memória popular e vida coletiva a partir de experiências ligadas à Baixada Fluminense. A montagem ocupa o Teatro Gonzaguinha, no Centro, até sábado (19). Dirigida e escrita por Juliana França, indicada ao 36º Prêmio Shell de Teatro, na categoria Direção.

A companhia, com 21 anos de trajetória, encena uma obra que toma como ponto de partida uma crença popular: uma cabeça de porco enterrada impediria a prosperidade de um lugar. A imagem abre espaço para uma reflexão sobre precariedade, luta por moradia e os sonhos da classe trabalhadora. Mobiliza a memória do cortiço carioca Cabeça de Porco,

demolido em 1893.

No palco, seis atores usam elementos do funk e do forró para acompanhar personagens que procuram erguer algo capaz de resistir ao tempo e à instabilidade numa encenação de poesia, política e afeto que discute os estigmas lançados sobre territórios periféricos. O foco está em processos coletivos de sobrevivência e na capacidade de imaginar outras formas de viver a cidade.

O Grupo Código nasceu em Japeri e soma 13 espetáculos e 67 prêmios. A Baixada emerge como lugar de circulação de saberes, afetos e tradições africanas, indígenas, nordestinas e mineiras, em contraste com leituras que associam a região somente à ausência de infraestrutura ou à violência.



O Grupo Código situa suas montagens no território da Baixada Fluminense

Juliana França construiu a dramaturgia em diálogo com Cecília Ripoll, responsável pela interlocução dramaturgica, e com o historiador Nielson Bezerra, interlocutor

da pesquisa histórica. O trabalho também recorre a referências de Leda Maria Martins e ao Sistema Coringa, desenvolvido por Augusto Boal. A combinação aponta para uma cena interessada na transmissão de memória, na participação e na construção de sentidos a partir de experiências populares.

O espetáculo evita separar música, movimento e texto em compartimentos rígidos. A direção musical é de Bruno W. Medsta, e Camila Rocha assina direção de movimento e preparação corporal. No elenco coletivo, a proposta recorre às expressões populares para pôr em relação passado, presente e futuro. A cena, assim, se organiza como espaço de encontro entre a história social do Rio e as formas contemporâneas

de criação produzidas fora de seus circuitos mais centrais.

A indicação de Juliana França ao Shell reforça a visibilidade de uma trajetória vinculada à Baixada. Mais que um selo de premiação, o dado ajuda a situar uma companhia que mantém atividade continuada e chega ao Centro com uma obra cujo tema não trata a periferia como margem simbólica. “Cabeça de Porco” aposta na força de grupos que constroem moradia, festa, linguagem e futuro em condições adversas.

SERVIÇO

CABEÇA DE PORCO

Teatro Gonzaguinha (Rua Benedito Hipólito, 125, Centro)
Até 19/9, quinta a sábado (19h)
Ingressos a partir de R\$ 10

Brasil chega à toda

ao Festival de Biarritz

**festival
biarritz
amérique
latine**
cinémas & cultures

Maratona cinematográfica francesa dedicada à América Latina seleciona cinco produções de diferentes cantos país nas três competições de sua 35ª edição, aberta via México

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Vai se ouvir português aos montes, com temperos de diferentes regiões do Brasil, já, já em Biarritz, um éden à beira-mar situado no Sudoeste da França. A cidade é povoada por 25,7 mil moradores, que se estende por uma área de 11,66 km², localizada a 35 km da fronteira com a Espanha, em território basco. Fica pertinho de San Sebastián, cidade do norte espanhol que vai inaugurar seu festival anual nesta sexta, levando-o até o dia 26.

Nessa data de encerramento de suas atividades, é a vez uma competição cinematográfica voltada para a América Latina dar um sacode na rotina do território francês encarado como um oásis, não só por sua paisagem, mas também por sua potência cinematográfica. A abertura de Biarritz fica por conta do México e seu imparável “Moscas”, de Fernando Eimbcke.

Com cinco filmes espalhados pelas três competições oficiais dessa maratona francófona (que se abre para a escuta de nosso idioma), o Brasil desembarca lá com títulos de distintas regiões de nosso território. Criado em 1979 e convertido numa das principais vitrines europeias para a produção latino-americana, o



‘Coração de Lona’, de Tuca Siqueira, representa o Brasil no âmbito dos longas de ficção de Biarritz



A mirada feminina infanto-juvenil torna ‘A Fabulosa Máquina do Tempo’, que nasceu na Berlinale



‘Pau D’Arco’ se constrói nas franjas de uma chacina na Amazônia Paraense



‘Caso Isolado’ faz uma triagem de intolerâncias

evento divide suas projeções entre o Casino Municipal, a Gare du Midi e o cinema Le Royal. Por lá já passaram nomes como Kleber Mendonça Filho, Ricardo Darín, Sebastián Lelio e Dolores Fonzi. Neste ano, a representação brasileira atravessa as disputas de longas de ficção, longas documentais e curtas-metragens, numa seleção em que questões de classe, raça, território e memória política dão ao país um peso especial.

O representante brasileiro na competição de ficção é “Coração de Lona”, da pernambucana Tuca Siqueira. Com 95 minutos, o longa acompanha Inês, uma bailarina que vive com a família num circo em decadência. Depois de perder um filho, ela precisa atravessar uma

dor que transforma a relação com o passado. Tuca trata a história como uma fábula realista sobre encerramento de ciclos e sobre o direito de

sonhar, acompanhando personagens para os quais a imaginação funciona também como mecanismo de sobrevivência.

São dez concorrentes na briga pelo troféu Abrazo de melhor ficção. Nela se destacam ainda “Ceniza en la boca”, “Hangar Rojo” e “Hiedra”.

O Brasil duplica sua presença na competição de documentários. “A Fabulosa Máquina do Tempo”, quinto longa de Eliza Capai, parte de Guaribas, no Piauí, para acompanhar a passagem da infância à adolescência através dos olhos de uma menina de 10 anos e de suas amigas. Em meio à pobreza do sertão, elas imaginam uma máquina do tempo capaz de conduzi-las ao passado das mães e avós e, sobretudo, a um futuro no qual possam tornar-se mulheres livres. O currículo internacional de Capai aumenta o peso da candidatura: “Espero Tua (Re)Volta” passou pela Berlinale de 2019 e conquistou lá os prêmios da Anistia Internacional e da Paz. “A Fabulosa Máquina do Tempo” será exibido em Biarritz nos dias 27 e 28 de setembro. A outra aposta brasileira entre os documentários é “Pau d’Arco”, primeiro longa de Ana Aranha, jornalista e documentarista com uma trajetória ligada à investigação de violações dos direitos humanos. O filme acompanha durante sete anos as consequências de um massacre ocorrido na Amazônia, no qual dez trabalhadores sem-terra foram mortos pela polícia. Um dos principais sobreviventes e seu advogado lutam por justiça e pelo direito à terra, enquanto novos acontecimentos levantam suspeitas sobre tentativas de silenciar o crime.

A competição documental reú-

ne igualmente dez títulos. Destacam-se, além dos contendores nacionais, “Diciembre”, “En Tierra” e “Llamarse Olimpia”.

Há Brasil em dose dupla também entre os curtas. Em “Caso Isolado”, de Jamila Facury e Edson Lemos Akatoy, um acidente envolvendo um entregador leva Cristina, mulher negra de pele clara, a trabalhar com a entrega de cosméticos pelas ruas de João Pessoa. Os encontros que se sucedem expõem tensões em torno de identidade, pertencimento racial e colorismo.

Já o (badalado) filme “Os Arcos Dourados de Olinda”, de Douglas Henrique, vai por outro caminho e transforma uma curiosidade histórica pernambucana em instrumento de reflexão política. O curta de 24 minutos recupera o embate entre a administração municipal de Olinda e a chegada do McDonald’s, perguntando como a cidade se tornou a primeira do mundo a levar uma unidade da cadeia americana à falência. Completam a disputa de curtas produções como “Allá en el Cielo”, “Chulquín” e “Época de plagas”.

Mais do que uma mostra de cinema, Biarritz construiu ao longo de sua história uma espécie de embaixada temporária da cultura latina no Velho Mundo. Além das três competições, o festival promove debates, encontros literários, exposições e atividades profissionais voltadas à coprodução entre europeus e latino-americanos. À noite, o Casino transforma-se em pista para concertos e ritmos que vão da salsa e da cumbia à bossa nova e ao reggaeton. Em 2026, Cuba e Uruguai recebem atenção especial nessa micareta, que segue até 2 de outubro.



Animação 2D
'Amadeo e
o Hipotético
Mundo Novo'
faz da fotografia
uma ferramenta
de resistência

REYNALDO RODRIGUES

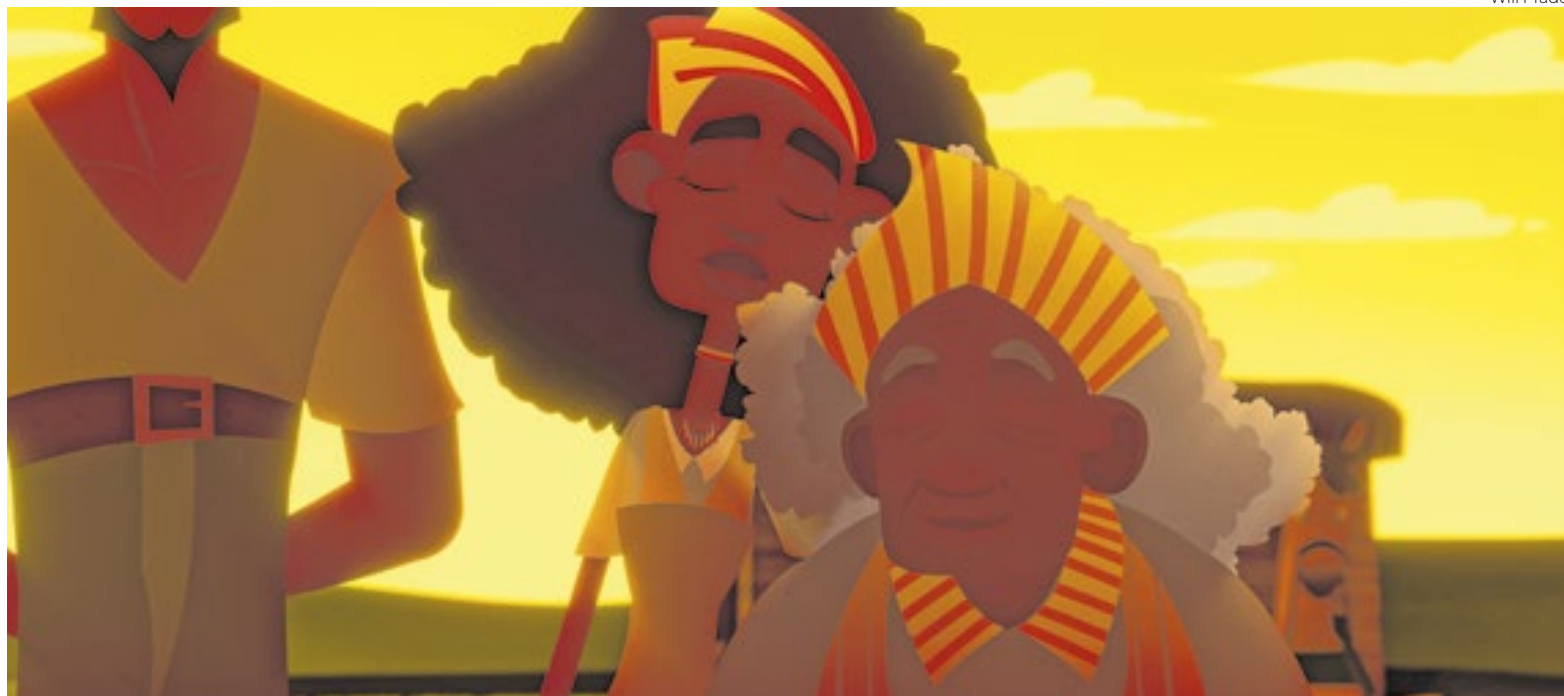
“Amadeo e o Hipotético Mundo Novo” leva para a animação uma história ambientada no Brasil escravocrata do século XIX e parte de uma hipótese: e se um jovem africano tivesse inventado a câmera fotográfica antes dos europeus? Dirigido e roteirizado por Brenda Lúcia e Edu Felistoque, o longa acompanha Amadeo, personagem que usa sua criação para registrar a realidade de seu tempo e contribuir para a luta pela libertação de pessoas escravizadas. A narrativa também inclui um romance com a filha de um barão.

A animação 2D combina aventura, humor, romance e crítica histórica. A fotografia, colocada no centro da trama, funciona como instrumento para observar e registrar uma sociedade marcada pela escravidão. A partir de uma invenção criada por um personagem africano, o filme coloca um protagonista negro no centro de uma narrativa de ficção científica histórica.

A história ganha espaço no cinema brasileiro depois da estreia mundial no Shanghai International Film Festival, na China. No Brasil, o filme integra a programação do 59º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, dentro da Mostra Brasília - Troféu Câmara Legislativa. A sessão contou com a participação da diretora Brenda Lúcia e da atriz Naruna Costa, responsável pela voz original de Linda. O longa chega aos cinemas em novembro, pela Downtown Filmes, no mês da Consciência Negra.

O projeto marca a estreia de Brenda Lúcia na direção de um longa de animação. A artista tem trajetória no cinema, na televisão e no teatro, com participação em 17 longas-metragens, 12 séries de TV e 10 espetáculos teatrais. Também acumula trabalhos como atriz e diretora. Ao lado de Edu Felistoque, ela conduz uma história que usa a animação para abordar escravidão, racismo, protagonismo negro e produção de conhecimento.

O romance vivido por Amadeo



Longa fez
estreia
mundial no
Festival de
Xangai

O Brasil recontado



Obra
conta com
apoio da
Secretaria
de Cultura
do Distrito
Federal



A obra
marca a
estreia de
Brenda
Lúcia no
universo da
animação

acrescenta outra camada à narrativa. O personagem se apaixona pela filha de um poderoso barão, estabelecendo uma relação atravessada pelas diferenças sociais e pela estrutura escravocrata do período. A história pessoal do protagonista se desenvolve, assim, em paralelo ao uso da invenção e à busca por liberdade.

O elenco de vozes reúne Sérgio Menezes, Edmilson Filho, Naruna Costa, Paolla Oliveira, Antônio Fagundes, Mateus Solano, Tiago Abravanel, Adriana Lessa, Igor Cotrim, Dexter - o Oitavo Anjo, Léa Garcia e a própria Brenda Lúcia, en-

tre outros nomes. Naruna Costa dá voz a Linda, personagem ligada ao núcleo afetivo da história.

A direção de arte e de animação é de Everton Amorim, artista pernambucano residente em Caruaru, no interior de Pernambuco. Ele é sócio da Sagui Studio e CEO da Refúgio Onírico. A trilha sonora original é assinada por Guilherme Picolo, músico, produtor executivo na DreamBox e compositor de trilhas para cinema. Entre os trabalhos anteriores estão “Flops - Agentes Nada Secretos”, “Crackland”, “Toro”, “Todos Carnaval tem Seu Fim” e

“Amado”.

A produção também tem ligação com o audiovisual do Distrito Federal. O longa é produzido pela Felistoque Cinema, administrada por Denise Castelhamo e Edu Felistoque, em coprodução com Sol de Barros, Refúgio Onírico, Sagui Studio, Assum Filmes, Martinelli Filmes, Guarnicê Produções e Dream Box. Felistoque Cinema e Sol de Barros Filmes são empresas sediadas em Brasília e participam de projetos voltados ao desenvolvimento do polo audiovisual da cidade.

O filme conta com patrocínio

do BNDES e apoio da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECEC-DF). A realização é do Governo do Distrito Federal, por meio da Lei Paulo Gustavo, do Ministério da Cultura e do Governo Federal. Com a chegada ao Festival de Brasília e o lançamento comercial previsto para novembro, “Amadeo e o Hipotético Mundo Novo” leva ao público uma narrativa que transforma uma invenção em ponto de partida para discutir memória, representação e os lugares ocupados por pessoas negras na construção da história.



Reprodução

A imagem dos briguentos Liam e Noel Gallagher de mãos dadas tornou-se uma das imagens mais recorrentes do filme dirigido por Will Lovelace e Dylan Southern

“Era muito importante que eles fizessem os melhores shows que pudessem. Eles só se encontravam nos lugares em que iam tocar juntos. A reconciliação aconteceu de fato no palco, como se vê no filme”

DYLAN SOUTHERN

O diário de uma reaproximação

Documentário mergulha na turnê de reunião do Oasis e na trégua entre os irmãos Gallagher

BRUNO GHETTI
Folhapress

Desde que o Oasis explodiu, consolidando-se como um dos ícones da cena pop-rock da década de 1990, tão aguardadas quanto as datas de novos shows da banda eram as novas intrigas entre Liam e Noel Gallagher, os líderes do grupo. Se nos álbuns e no palco mostravam uma simbiose invejável, capazes de hits como “Wonderwall” e “Don’t Look Back In Anger”, na vida real os irmãos viviam às turras - a ponto de, em um show em Paris, em 2009, decidirem se separar de uma vez por todas.

Mas, 16 anos depois, no ano passado, os Gallaghers se reuniram em turnê, e os cineastas Dylan Southern e Will Lovelace registraram os concertos e bastidores dos espetáculos. Na semana passada, apresentaram ao mundo o documentário “Oasis: Don’t Look Back In Anger”, no Festival de Veneza, que agora é exibido nos cinemas do Brasil.

O filme, é claro, também mostra a relação entre os dois irmãos durante a turnê. Não aparecem muitas vezes unidos, é bem verdade, mas os registros revelam que Liam e Noel deixaram para o passado a hostilidade mútua, bancando agora o estilo “irmãozinhos paz e amor”.

“Foi um grande esforço dos dois”, diz Southern. “Era muito im-



Divulgação

portante que eles fizessem os melhores shows que pudessem. Eles só se encontravam nos lugares em que iam tocar juntos. A reconciliação aconteceu de fato no palco, como se vê no filme. Tornaram-se irmãos novamente em frente a todos nós. E depois disso se consolidou, noite após noite, na turnê.”

O cineasta se refere ao momento exato em que os irmãos entraram no palco do primeiro show, em Cardiff, no País de Gales. Não havia nada preparado, mas, de repente, diante da plateia, Liam pega no punho do irmão, levando os fãs ao delírio. O gesto improvisado evoluiu para um aperto de mãos alçadas ao céu, o que se repetiria em todas as apresentações.

A visceralidade do público diante da banda é fácil de perceber em vários momentos do filme. Seja no

Brigados desde 2009, os irmãos Liam (de óculos) e Noel Gallagher voltaram às boas e anunciaram o retorno do Oasis numa turnê grandiosa que correu o mundo e virou documentário

choro, no êxtase e nas demonstrações de carinho dos espectadores em shows da banda, mas também na forma hiperbólica como se expressam diante dos ídolos.

“Foi como perder um filho”, diz um dos fãs, sobre como reagiu ao descobrir o fim do grupo. Outro entusiasta encontra uma alegoria religiosa para falar da importância da reunião da banda: “É como se fosse o renascimento de Cristo”.

Uma fã brasileira que dá depoimento no documentário explica a importância da mensagem passada com os anos pelos rapazes vindos de

meio operário em Manchester. “Encontrei força na música deles. Se eles venceram, eu vou vencer também”, diz ela. A brasileira explica que, depois de conhecer outros fãs do Oasis no país, encontrou uma verdadeira família.

Os cineastas dizem que existe uma paixão muito peculiar do público brasileiro em relação ao Oasis. “Nós amamos aquele show em São Paulo. Foi o último, havia algo diferente na plateia. Não ficamos muito tempo no Brasil, mas dava para perceber a energia”, diz Southern.

“Talvez seja porque existe certa agressividade na música deles, ou talvez a honestidade e autenticidade do que eles se apresentam. Isso deve ter um apelo especial para o público brasileiro”, afirma o cineasta.

Will Lovelace, o outro diretor, também recorda do espetáculo com carinho. “O show de São Paulo foi bem especial. Logo que eles acabaram de cantar e saíram do palco, a chuva caiu com tudo. Foi muito bonito.”

No documentário, além de uma contextualização da história do Oasis e trechos dos shows do ano passado, há breves falas dos próprios músicos. Noel confessa que não conseguia ver o retorno - não a ideia de estarem juntos novamente, mas achava impossível visualizar mentalmente a imagem da dupla reunida no palco, tantos anos mais tarde. A certo ponto, arrisca elogiar o irmão. “É a única pessoa que coloca um tamborim na cabeça e consegue

fazer isso ser algo cool”. Liam pensa um pouco antes de ressaltar alguma vantagem de Noel, mas logo se lembra: “Tinha me esquecido de como ele era engraçado.”

Mas o que, afinal, fez com que os Gallaghers engolissem a seco as ofensas trocadas do passado, a ponto de resolverem voltar ao palco? Amadurecimento? O dinheiro que ganhariam com o retorno? Saudade dos holofotes?

Segundo Liam, a volta se deu pela necessidade de passar para as pessoas uma mensagem pacifista. “O mundo de hoje está uma droga, as pessoas precisam relaxar.”

Os cineastas juram que nem Liam nem Noel fizeram ressalvas diante do filme, depois de já pronto. “Mostramos aos dois quando terminamos, e as conversas eram sobre o som, questões técnicas, mas não teve intervenção editorial”, diz Lovelace.

Indagados sobre o motivo de o Oasis se manter tão popular, mesmo três décadas após o auge da banda, os diretores dizem que a atemporalidade de sua música é um fator importante.

“Nos shows da turnê, dava para ver três gerações diferentes. Você vê gente que nem tinha nascido quando eles apareceram, mas que estava lá, que encontrou a banda de alguma forma”, diz Southern. “E tem a habilidade deles enquanto compositores: as canções dizem coisas que as pessoas ouvem e aplicam para as suas próprias vidas.”

CRÍTICA DISCO | BICHO PEDRA GENTE

POR AQUILES RIQUE REIS*

Hoje tenho nas mãos um trabalho com o qual me identifico do início ao fim. Falo de dois talentos que se guiam pela musicalidade que os envolve e impulsiona. Movidos a doçura e contemporaneidade, a musicalidade de Lucina se aproxima da poesia de arrudA e se mesclam a ferro e fogo. Como numa tatuagem mefistofélica (mas nem tanto assim), seus desígnios fazem de um álbum o documento de suas vidas.

Assim é “Bicho Pedra Gente” (independente e analógico), uma gigantesca obra de beleza tão (im)pura como o mais (in) completo compêndio, escrito em linhas essenciais. Inspiração sobrevoando o ar representado pela guia presa ao pescoço, que segura a cabeça de vento que ninguém prende. E assim, Lucina e arrudA dão de (en)cantar com suas (in) definições e (re)criações do que seja respeitar o ofício que escolheram!

Para Lucina e arrudA, conceber é se apaixonar. É, não tem jeito, camaradas, a beleza de suas artes diz muito: tudo a menos para abater o demasiado; quanto menos se esparrama em escolhas, o cerne se revela. Sim, o mínimo faz da simplicidade ouro em pó!

A voz de Lucina se mistura à palavra de arrudA. Dois seres dispostos a ser puro bom senso na aurora da manhã preguiçeira,



A voz de Lucina se mistura à palavra de arrudA nem álbum em que cada faixa flui com o caráter que eles têm de sobra

Tão digno,
tão lindo!



sugerindo que a sombra da mangueira será para a vida inteira. Assim, sem soslaio, nem revesquete, cada faixa flui com o caráter que eles têm de sobra, criando (en) cantamentos que são deles, mas que são, também, de todos nós.

Aqui três.

“Um Dia Fora do Tempo” (Lucina e arrudA): ninguém é capaz de cantar tão docemente quanto Lucina com seu violão. O cello e o arranjo de Lui Coimbra falam a língua da formosura. Enquanto arrudA empresta seus versos à graça: “(...) uns dias pra

respirar o teu bom dia no vento/ um dia fora do tempo e o coração aceso e o coração aceso e o coração aceso”.

“A Lua Lembra” (Lucina e arrudA), tão bela! No arranjo de Christiaan Oyens, o violão e a voz de Lucina vêm com guitarra, baixo e bateria, todos enlevados pelos versos de arrudA: “escrevi na areia/ o nosso poema/ a chuva apagou/ mas a lua/ ainda lembra”.

“É Onde” (Lucina e arrudA): o baixo fretless de Jorge Mathias junta-se ao violão de Lucina; a percussão eletrônica de Sandro Moreno, talvez com força excessiva, pontua; Lucina canta como só ela a fantasia de arrudA: “É onde a noite encontra o dia / o sol/ É onde o céu acorda a pedra / o chão/ É onde a fome amassa o barro / e o pão/ É onde o vento inventa a voz e o vão/ É onde a noite encontra o dia / o sol/ É onde o céu acorda a pedra / o chão”.

Meu Deus! Por favor, não deixem de ouvir “Bicho Pedra Gente”! Busquem as músicas! Todas! Escutem o álbum inteiro em Ouça o CD em <https://acesse.one/0u9b5n6!> E sejam felizes ao ouvir algo tão digno e lindo!

Ficha técnica

Direção e produção musical: Patrícia Ferraz; gravado em Niterói/RJ: Estúdio Hi Eight; engenheiro de som: Daniel Drago; mixagem e masterização: Fausto Nobile; Nobilemix Estúdio/SP.

*Vocalista do MPB4 e escritor

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES



Canções do cangaço

A inédita “A Água Que Faltou no Céu”, que chega às plataformas nesta quinta (17) antecede o lançamento do álbum que reúne Danilo Caymmi e Ricardo Bacelar pela primeira vez. O single dá início ao resgate musical e histórico das canções de Antônio do Santos, o Volta Seca, mais jovem dos cangaceiros do bando de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. O projeto de Danilo e Bacelar propõe leituras contemporâneas para canções lançadas originalmente no vinil “Cantiga de Lampião”, tesouro musical lançado em 1957.



Prévia do disco de Pitty

Depois de anunciar o novo álbum “PITTY” e as primeiras datas da turnê, Pitty apresenta aos fãs “Sobremesa”, primeiro single do projeto, que chega às plataformas nesta sexta-feira (18). A faixa também ganha um videoclipe, idealizado pela própria artista, que acaba de ter seu primeiro teaser divulgado nas redes sociais. A faixa abre os caminhos para novo disco de Pitty, o primeiro de músicas inéditas em sete anos, com lançamento confirmado para 16 de outubro pela Deck, e já começa a preparar o público para o show da turnê de lançamento.



Escolha pela música

A cantora e compositora marroquino-canadense Faouzia vem conquistando uma legião de novos fãs brasileiros nas redes sociais. Ela explodiu após vídeos de uma interpretação comovente da faixa “Unethical” viralizarem no TikTok e no Instagram, acumulando dezenas de milhões de visualizações e tocando o público ao redor do mundo, principalmente no Brasil. A faixa retrata uma experiência pessoal em que um antigo parceiro que lhe pediu para abandonar a música para se casarem. Ela rompeu o relacionamento e seguiu seu sonho.



As imagens do projeto 'Inventário, idealizado pela artista visual espanhola Beatriz Ruibal, focam na ideia de ausência, em legados e biografias que a guerra interrompeu



Histórias interrompidas

Fotografias da espanhola Beatriz Ruibal mostram objetos que se relacionam à Guerra Civil que sangrou seu país no século 20

AFFONSO NUNES

Depois de passagens por cidades como Budapeste, Cracóvia, Palermo e Lisboa, a exposição "Inventário. Os objetos olham para nós", da fotógrafa e artista visual espanhola Beatriz Ruibal, está em cartaz no Instituto Cervantes, em Botafogo.

O projeto de Ruibal parte de objetos que acompanharam criadores ao longo de suas vidas e processos de trabalho. Fotografados, ampliados e examinados em detalhes, esses vestígios são deslocados de sua função cotidiana e passam para operar como dispositivos de memória que se aproxima da Guerra Civil Espanhola. Se adentrar na reconstituição direta de um dos conflitos mais sangrentos do século passado, a mostra foca na ideia de ausência, em



legados e biografias interrompidas.

No texto de apresentação, a artista propõe que "os objetos sejam lidos para além do documento". Eles guardam marcas de uso, afeto e deslocamento, mas também acionam narrativas que não se deixam fechar. "Inventário" trabalha justamente nesse intervalo: o que uma mala, uma joia, um par de óculos ou um

fragmento de terra pode dizer sobre quem os carregou e sobre o tempo que sobreviveu à perda.

Radicada em Madri, Beatriz Ruibal desenvolve desde 1992 trabalhos em fotografia, vídeo e instalação. Sua formação reúne filosofia e comunicação audiovisual, e sua pesquisa envolve ainda a edição literária de escritores e poetas his-



pano-americanos e estadunidenses. Seus projetos abordam a fragilidade da existência contemporânea, a ausência e as formas de representação visual de espaços, natureza e objetos.

A Guerra Civil emerge como camada histórica decisiva, mas a exposição investiga um movimento mais amplo: o modo como a matéria conserva experiências e, quando

fotografada, devolve ao presente algo que parecia encerrado.

SERVIÇO INVENTÁRIO. OS OBJETOS OLHAM PARA NÓS

Instituto Cervantes (Rua Visconde de Ouro Preto, 62, Botafogo) | Até 28/10, segunda a sábado (10h às 19h) | Grátis